

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO
INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDO E PESQUISA
DO IMAGINÁRIO
SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ISSN 1519-6674
ANO XIX
VOLUME 31
(JUL-DEZ)
2019
P. 318-330.

A *RATIO STUDIORUM* NOS COLÉGIOS DA COMPANHIA DE JESUS

Fernanda Cristina da Encarnação dos Santosⁱ
Professora Adjunta do Departamento de Letras na
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

RESUMO

O século XVI é permeado por longas e duradouras mudanças em um dos pilares fundacionais da Europa: o Cristianismo. A cisão entre a Igreja protestante e a Igreja católica provoca um abalo nas estruturas políticas e sociais, em movimentos denominados de Reforma e Contrarreforma. A Igreja católica, de forma a responder ao aparente ataque aos seus princípios, desenvolve diversas missões em terras longínquas, enviando as Ordens religiosas como mandatárias. Nesse âmbito, surge a Companhia de Jesus, cujo ideário e carisma se baseiam na ação missionária. Os colégios surgem como instituições fundamentais e a *Ratio Studiorum* como um dos instrumentos mais poderosos na homogeneização do ensino. Este trabalho pretende analisar alguns aspectos da *Ratio Studiorum* que ajudam a compreender o nível de exigência dos colégios jesuíticos, que contribuiu, largamente, para o seu sucesso. Os princípios e regulamentações da *Ratio* permitem observar a divisão do espaço e das tarefas com rigor, bem como as obras que devem ser estudadas nos planos de ensino dos ignacianos, nos cursos de Letras, Filosofia ou Artes e Teologia. O *modus parisiensis* serve de metodologia complementar, nos colégios, estimulando o aluno a progredir nos seus conhecimentos através da separação em classes.

Palavras-chave: Companhia de Jesus; *Ratio Studiorum*; Colégios; Missões; Contrarreforma.

ABSTRACT

The sixteenthth century is permeated by long and lasting changes in one of the foundational pillars of Europe: Christianity. The split between the Protestant Church and the Catholic Church has shaken political and social structures in so-called Reform and Counter-Reformation movements. The Catholic Church, in order to respond to the apparent attack on its principles, carries out various missions in distant lands, sending religious Orders as mandates. In this context comes the Society of Jesus, whose ideals and charisma are based on missionary action. Colleges emerge as fundamental institutions and *Ratio Studiorum* as one of the most powerful instruments in the homogenization of teaching. This paper aims to analyze some aspects of *Ratio Studiorum* that help to understand the level of demand of jesuit colleges, which contributes largely to their success. *Ratio's* principles and regulations allow us to observe the division of space and tasks rigorously, as well as the works that must be studied in the teaching plans of the Ignatians, in the courses

of Letters, Philosophy or Arts and Theology. The *modus parisiensis* serves as a complementary methodology in the schools, stimulating the student to advance their knowledge through class separation.

Keywords: Society of Jesus; *Ratio Studiorum*; Colleges; Missions; Counter-Reformation.

INTRODUÇÃO

A Companhia de Jesus é uma Ordem religiosa fundada pela bula *Regimini Militantis Ecclesiae*, de 27 de fevereiro de 1540, do Papa Paulo III. A Carta Apostólica do Pontífice Romano assinala a principal missão da Companhia ou Sociedade de Jesus:

[...] Esta [a Companhia] foi instituída principalmente para o aperfeiçoamento das almas na vida e na doutrina cristã e para a propagação da fé, por meio de pregações públicas, do ministério da palavra de Deus, dos Exercícios Espirituais e obras de caridade e, nomeadamente, pela formação cristã das crianças e dos rudes, bem como por meio de Confissões, buscando principalmente a consolação espiritual dos fiéis cristãos (LOYOLA, 2004 [1554], p. 129)

Converter passa a ser uma missão fundamental para os inacianos, dirigida, principalmente a todos aqueles que não eram instruídos na fé cristã.

A partir da sua fundação, a Ordem aposta na formação intelectual dos seus membros, que passam a viver em casas ou residências junto às universidades, que mais tarde se transformam em centros de ensino ou colégios, como veio a acontecer em Paris, em 1540, em Lovaina, Pádua e também em Coimbra, em 1542 (RODRIGUES, 1931, p. 321-322; 547-575). Jerônimo Nadal tem uma influência decisiva na definição da vocação de ensino da Companhia. É ele que introduz, nos colégios jesuítas, o *modus parisiensis*.

Num século XVI permeado por disputas religiosas, na Europa, e um movimento

conhecido, historicamente, por Contrarreforma, há novos desafios de expansão que obrigam os missionários a agilizar esforços em várias frentes, diante de povos e territórios distantes. A Ordem inaciana supera, ainda, as estruturas canônicas das ordens mendicantes, marcadas por obrigações comunitárias que impediam uma resposta rápida às exigências de uma evangelização em grande escala (FRANCO, 2006, p. 68).

As ações da Igreja católica procuram ser firmes, perante os ataques protestantes e as críticas acirradas ao catolicismo. Atenta ao desenrolar dos acontecimentos, a Igreja organiza concílios e conta com o apoio da Santa Inquisição, para eliminar os opositores. A **319** palavra divina passa a ser, também, uma forma de combate (MOURÃO, 2008, p. 229).

O desenrolar da Reforma protestante e a sua expansão na Europa fortalecem as bases do catolicismo nos reinos que tinham resistido às investidas do protestantismo, como França, Espanha, Portugal, Itália. Na resposta da Igreja católica, os colégios são um instrumento fundamental para divulgar o ideário religioso e ganhar uma nova consciência. Os colégios dependentes das congregações religiosas são os primeiros a se expandirem. A rede de ensino montada pelos Jesuítas revela um mesmo ideário e uma tentativa de alargar as missões de Ocidente a Oriente.

Durante o pontificado de Paulo III (1534-1541) intensificam-se os esforços para reunir

católicos e protestantes, pressionando ambos na questão do dogma. A ideia conciliatória de Erasmo de Roterdão não é, todavia, seguida. As fileiras antiprotestantes começam a ganhar força com a entrega do Colégio das Artes (1555) e da Universidade de Évora (1559) à Companhia de Jesus. O Santo Ofício, em exercício desde 1537, atua como elemento repressor aos opositores da Igreja católica, quer através da censura literária, quer por meio de inquirições e julgamento de denúncias nas colônias (MARQUES, 2009, p. 194-195). Entre 1543-1563 ocorre o Concílio de Trento, que promove a reorganização da Igreja católica, em resposta ao movimento iniciado por Martinho Lutero, que a 31 de outubro de 1517 afixa, na porta da catedral de Wittenberg, as 95 teses de crítica e condenação relativamente à situação da Igreja católica, na Europa.

A gratuidade do ensino é outro fator que influencia, largamente, o sucesso das instituições de ensino jesuíticas. Messina, Goa, Gandia e Coimbra contam-se entre as primeiras experiências de ensino dos inacianos, mas desde logo estes abrem portas a estudantes externos. Em cerca de 30 anos, a Ordem funda duas centenas de colégios, por iniciativa própria e para atender às necessidades e ao apelo das diversas cidades (MIRANDA, 2009, p. 23-24). A proposta de Inácio de Loyola, na parte IV das Constituições, intitulada “Como instruir nas letras e em outros meios de ajudar o próximo os que permanecem na Companhia” é a de que a Ordem funde “colégios e também algumas

universidades, onde os que deram boa conta de si nas casas e foram recebidos sem os conhecimentos doutrinários necessários se possam instruir neles e nos outros meios de ajudar as almas.” (LOYOLA, apêndice IV, § 307, 2004 [1554], p. 115). A 4 de março de 1541, o compromisso com a educação é integrado como um tópico do ideário da Companhia de Jesus: “Por tanto nos pareceu a todos, desejando a conservação e aumento dela [Companhia] para maior glória e serviço de Deus nosso Senhor, que tomássemos outra via, a saber, de colégios” (LOYOLA, apêndice IV, § 307, 2004 [1554], p. 210).

A obediência é um dos três votos que as ordens religiosas exigem dos noviços, conjugada com a prudência. A prudência se relaciona com a mobilidade e a autonomia decorrentes do voto especial de obediência direta ao Papa feito pelos Jesuítas, que os coloca fora da jurisdição das autoridades religiosas e seculares locais. Em função dos contextos missionários, os inacianos podem adaptar as normas escritas da Ordem, o que é tolerado pelos seus superiores hierárquicos, caso julguem que tal adaptação não é contrária ao espírito das Constituições (EISENBERG, 2000, p. 48).

O momento de criação de diversos colégios, na Europa, pontua um momento fundamental e decisivo na educação, segundo André Petitat (1994, p. 76). Em sua análise comparativa, o autor observa que os colégios das congregações católicas, das igrejas protestantes e

aqueles que são vinculados às universidades funcionam através de dispositivos semelhantes. A gestão de ensino passa a ser integrada, incluindo os aspectos intelectual, religioso e moral, marcados pelo rigor próprio dos regulamentos e os tempos de descanso. Com efeito, a preocupação principal da instrução dos Jesuítas é estimular os alunos à aprendizagem, promovendo a interiorização plena dos conteúdos programáticos através da ação participativa dos educandos (RAMOS DO Ó, 2003, p. 168-170). O colégio jesuíta surge, na Europa, como uma instituição global que abrange toda a vida do estudante.

Aspectos como o nivelamento e a hierarquização de conteúdos, a progressão educativa, a diferenciação por idades, a classe homogeneizada, mas ao mesmo tempo a atenção individualizada a cada aluno remontam a este movimento de proliferação de colégios, para o qual contribui, em grande medida, a ação religiosa e educativa da Companhia de Jesus.

Nas *Constituições*, Santo Inácio determina que a pobreza dos padres e irmãos da Companhia é regra fundamental. Apenas os colégios poderiam possuir os meios indispensáveis para a consecução do seu objetivo comum: a formação de religiosos e a instrução gratuita da juventude. A exemplo do Colégio Romano, a orientação do fundador é a de que as instituições de ensino da Companhia ofereçam instrução gratuita, e que sejam mantidas pelo Estado, por doações de particulares.

A Fórmula aprovada por Paulo III, em setembro de 1540, autoriza a Companhia de Jesus a usufruir de rendas, frutos ou propriedades anexas às universidades e colégios para sustentar os estudos e funcionamento das instituições de ensino. As Constituições determinam, ainda, que o padre reitor seja o responsável pela conservação e administração dos bens temporais (SANTOS, 2015, p. 226-227).

1. INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS: A RATIO STUDIORUM

O século XVI assiste a uma mudança significativa na questão educativa. Tanto as instituições protestantes quanto as católicas **321** apresentam modelos de ensino cada vez mais preparados e sofisticados. A Companhia de Jesus procura orientar as suas metodologias por meio de um instrumento: a *Ratio Studiorum* (1599)ⁱⁱ, resultado de sistematizações de práticas educativas, obra fundadora da Companhia de Jesus e modeladora da sua atuação. Tratando-se de um conjunto detalhado de normas aglutinadas em trinta conjuntos, a *Ratio* apresenta-se imprescindível para o estudo do ensino dos Jesuítas. Além de se constituir como uma base pedagógica, é um conjunto de regras que envolvem a administração, o plano de estudos, os métodos didáticos e a questão disciplinar dos colégios.

Os planos de estudos da *Ratio* dão a indicação das disciplinas que devem ser

estudadas, as obras usadas e a orientação geral dos estudos. A partir de cartas e de várias consultas recebidas de Espanha, França, Alemanha, Itália e Portugal, juntamente com estatutos e leis de colégios e universidades, principalmente o livro manuscrito do Colégio Romano, uma comissão de jesuítas apresenta os seguintes textos, em agosto de 1585: um deles, *De Delectu Opinionum*, conjunto de 597 proposições extraídas da *Suma Teológica*, de São Tomás de Aquino [1267-1273]. O outro tratado, *Praxis et Ratio Studiorum*, estipula as matérias a serem ensinadas: Teologia (Escritura Santa, Teologia Escolástica, Controvérsia, Casos de Consciência); Filosofia e Humanidades, até chegar ao mais básico de todos os cursos, *Infima Grammatica*, a classe inicial de Latim. A *Ratio* prescreve o estudo da obra de São Tomás de Aquino na Teologia Escolástica, seguindo os doutores aprovados pelas universidades católicas.

Os estudos da *Ratio* apontam sempre para as características e virtudes cristãs, tais como a humildade, a modéstia, a simplicidade, procurando a ortodoxia, a fidelidade à tradição canônica e aos textos sagrados autorizados pela Igreja a partir do Concílio de Trento. As normas didáticas do ensino subordinam-se, claramente, às normas disciplinares, redimensionadas a partir do Concílio (WRIGTH, 2006, p. 18; 21; 24).

A *Ratio Studiorum* coloca em pauta os planos de ensino, mas também regulamenta a ocupação do espaço e do tempo: a separação por

seções, os frequentes exercícios escritos, os distintos níveis de conteúdo, os prêmios, as recompensas. O objetivo principal é manter o estudante aluno ativo, à medida que forma o carácter. A aprendizagem toma a forma de um contínuo, dividindo os alunos de cada classe em campos opostos, num sistema de competição.

As aulas devem ocupar seis dias por semana. A *Ratio* prevê horários para as lições de cada classe, para cada disciplina, para cada exercício e também para o estudo pessoal, deixando em aberto a adequação aos costumes locais. Recomenda-se um dia de pausa semanal. Sábados, Domingos e dias festivos não significam, necessariamente, uma paragem nas aulas, pois esses dias têm um horário próprio, 322 preenchido por disputas ou por repetições, discursos, declamações de poesias e até mesmo preleções (MIRANDA, 2009, p. 33-34).

O mestre ou professor é detentor de autoridade moral, para além dos conhecimentos que deve possuir. As ordens religiosas dedicadas à instrução da juventude preocupam-se, desde muito cedo, em proporcionar aos religiosos que se ocupam do cargo de ensino uma formação especial. No caso concreto dos Jesuítas, a obra de Joseph de Jouvancy, *De Ratione Discendi et Docendi ex decreto Congregationis Generalis XIV* [1725] mostra como deve ser o professor e o discípulo nas aulas.

A Igreja católica aposta na defesa da transmissão oral das duas fontes da Revelação, a Tradição e as Escrituras, recuperando técnicas

gregas, latinas e escolásticas do discurso, como o sermão, o diálogo, a controvérsia, a disputa no ensino e na propaganda da fé. Assim, apenas teólogos autorizados pelas duas fontes da Revelação podem ler e interpretar o Antigo e o Novo Testamento. A tradição autorizada é repetida na *lectio* dos professores dos cursos de Letras, Artes e Teologia regulados pela *Ratio Studiorum* (HANSEN, 2001, p. 24-26).

2.1. CURSO DE LETRAS

O plano de estudos seguido nas escolas da Companhia de Jesus consta de três cursos: Curso de Letras, Curso de Filosofia ou Artes e Curso de Teologia. Nos colégios jesuítas praticava-se uma escolaridade que pode ir, no mesmo colégio, desde o ensino das primeiras letras até ao de disciplinas de nível universitário. O Curso de Letras é o mais elementar de todos, e está dividido em três partes, que correspondem às designações de Gramática, Humanidades e Retórica. O intuito deste aprendizado é a aquisição de uma expressão oral e escrita corretas, na língua latina. A organização escolar, no século XVI, é a mesma para colégios seculares ou jesuíticos, e mais tarde para outras congregações, definindo cinco cursos de Humanidades: três de Gramática, um de Humanidades e um de Retórica.

A educação das Humanidades pressupõe um conhecimento da Retórica, mas também da moral e do civismo, reproduzindo um modelo de

homem ideal da sua época (CHERVEL; COMPÈRE, 1999, p. 149-150).

Os estudos de Gramática são ordenados segundo três graus sucessivos, de dificuldade crescente, constituindo três classes denominadas Inferior (*Infima classis grammaticae*), Média (*Media classis grammaticae*) e Superior (*Suprema classis grammaticae*). Cada classe é anual e tem o seu professor próprio, com aulas diárias. Na classe Inferior estudam-se as declinações e os gêneros; na Média, as conjugações; na Superior, a sintaxe. Em cada um dos graus sucessivos do estudo da Gramática se ia aprendendo o Grego: na classe Inferior, os princípios da língua; na Média, composições acessíveis de Ovídio; e na Superior, textos de 323 São João Crisóstomo e de Esopo (COMPÈRE, 1976, p. 75).

O cânone literário vai sendo proposto, paulatinamente, pelos autores humanistas, tais como Erasmo e Vives. No domínio do latim, Erasmo recomenda aos iniciantes as comédias de Terêncio e de Plauto, as cartas familiares de Cícero; ainda, segundo esta ordem, Virgílio, Horácio, Cícero, César e Salústio. As escolhas de Vives são semelhantes, recomendando ainda Apúlio e Sidónio Apolinário. Aos estudantes que seguem o seminário, a *Ratio* exige um biênio de Retórica, antes de avançarem para a Filosofia; e aos externos, o reitor tem o dever de motivar também para aquele estudo, durante, pelo menos, um ano. A classe de Retórica está no topo do ensino das Humanidades. Toda a estrutura

curricular das Humanidades converge para esta classe, dedicada ao ensino da palavra e da eloquência. Os estudantes ocupam-se da arte oratória, teórica e prática. A classe de Humanidades prepara, ainda, o aluno para a eloquência, de modo a que ele consiga desenvolver a erudição e uma breve informação sobre os preceitos da Retórica (MIRANDA, 2009, p. 29-30).

As composições escritas dos alunos obedecem, naturalmente, a uma excelência formal, conforme observa Margarida Miranda: “Se os mestres das classes iniciais deviam apontar os erros de gramática, ortografia e pontuação (XX, 3 e XIX, 3), o mestre da classe superior apontava principalmente “se o aluno evitou as dificuldades, ou se descuidou a elegância, ou a imitação [de Cícero].” (XVIII, 3)” (MIRANDA, p. 192, 2013).

A gramática adotada nas escolas da Companhia de Jesus é a *De Institutione Grammatica Libri Tres*, do jesuíta Manuel Álvares, impressa em Portugal pela primeira vez em 1572. No século XVI, o ensino nos colégios jesuítas baseia-se nas obras de Homero, Demóstenes, Virgílio e Cícero, entre outros. O estudo é orientado pelo contato direto com obras da Antiguidade e com os primeiros autores que escrevem sobre Retórica, tais como Aristóteles, o Pseudo-Longino ou Cícero e Séneca. Se, por um lado, o texto é resultado de um conhecimento escolar transformado em arte por meio do talento individual, por outro lado, permite aos

humanistas formarem um estilo próprio. Nesse sentido, o conhecimento de Retórica permite uma teorização próxima das fontes e uma valorização da eloquência. Fica famosa, então, a *Retórica* do Padre Cipriano Soares (*De Arte Rhetorica*), um jesuíta espanhol, que lecionou no colégio de Santo Antão, em Lisboa, nas universidades de Coimbra e de Évoraⁱⁱⁱ. Do mesmo modo que a Gramática do padre Manuel Álvares, a obra de Soares serve de instrumento de ensino para a Companhia de Jesus. A disciplina passa a fazer parte dos planos de estudos nos colégios portugueses, desde o colégio de Santo Antão, em Lisboa, ao colégio das Artes, em Coimbra. O século XVII continua esta tradição de estudo e, neste domínio, são

324

importantes as publicações dos jesuítas Francisco de Mendonça e Francisco de Santo Agostinho Macedo (LAUSBERG, 1963, p. 20-26).

A formação retórica inaciana do orador cristão é focada na *utilitas*, ou seja, na eficácia da persuasão. A retórica das escolas jesuíticas é “duplamente concebida como teoria e como praxis, como ciência e como técnica, como doutrina sobre eloquência e como exercício de oratória.” (MIRANDA, 2013, p. 203). As prescrições da Ratio detalham, em pormenor, o uso da eloquência.

Os trabalhos escritos devem ser consonantes às três primeiras partes clássicas do discurso, *inuentio*, *dispositio* e *elocutio*. As duas outras partes da Retórica, *memoria* e *actio*

devem ser igualmente praticadas. Para isso, a *Ratio* dispõe de um conjunto de atividades práticas, tais como as declamações (privadas e públicas). Quinzenalmente, declamações privadas, no seio da própria classe; mensalmente, um discurso mais solene, ou então uma *declamatoria actio* (a representação de uma declamação) na Aula Magna ou na Igreja. O mestre de Retórica tem o dever de propor uma ação dramática, ou um diálogo, destinados a ser representados em classe (XVI, 19). Assim, o objetivo das declamações e das representações eram o treino individual da *memoria* e da *actio* de cada aluno, sob a orientação do mestre (MIRANDA, 2013, p. 198-199).

2.2. CURSO DE FILOSOFIA

Ao Curso de Letras segue-se o Curso de Filosofia ou Artes. O primeiro constitui uma preparação indispensável para o segundo. Aqui são estudadas as matérias de Dialética, a Lógica, a Física e a Metafísica. Na área da Filosofia, a universalidade dos Jesuítas alcança um sucesso ímpar, constituindo as suas obras modelos orientadores das doutrinas filosóficas que defendem.

O curso de Filosofia dura, em média, três anos, e abrange o estudo da Matemática e das Ciências Naturais, incluindo o estudo da Meteorologia. O principal autor em estudo é Aristóteles, referência fundamental em todo o curso. Jerônimo Nadal intervém, em 1552,

referindo que o curso de Filosofia deve durar quatro anos, constituído pelo estudo da Lógica, Filosofia Natural, Moral e Metafísica. No estudo da Moral, a *Ratio* prescreve a *Nicomaqueia*, de Aristóteles, numa só classe, em dias santos e feriados. Os três anos letivos restantes seriam consagrados à Filosofia Natural, incluindo os doze livros da *Metafísica*.

Um ano depois, em 1553, Martinho de Olave compõe um conjunto de estudos que reduz a duração do curso para três anos, prevendo a leitura da *Política*, de Aristóteles, e aumentando o número de compêndios auxiliares: o *Libellus progymnasmatum*, do grego Aphtónio (séc. III-IV); o *De consideratione dialectica libri sex*, do franciscano Francisco Titelmans (Antuérpia, 1533); o *De Anima*, de Pedro de Ailly, publicado em Paris em 1494; o *De ente et essencia* de Tomás de Aquino (MPSI, 1965, p. 177-178). O primeiro ano era consagrado ao estudo da Lógica e previa o estudo de obras de Aristóteles, tais como *Da Interpretação*, *Primeiros Analíticos*, *Tópicos* e *Refutações Sofísticas*, incluindo algumas partes da *Física* e *Da Alma*. No segundo ano, o corpus aristotélico englobava os oito livros da *Física* e ainda o *Do Céu*, *Da Geração*, *Da Alma* e iniciava-se o estudo da *Metafísica*. Os dez livros de *Ética* faziam parte das atribuições do professor de Filosofia Moral (MIRANDA, 2009, p. 32).

Os Jesuítas são protagonistas de grandes e longos debates, quer nos conhecimentos em Humanidades, quer nos conhecimentos em

Ciências. O estatuto da Matemática, por exemplo, gera polêmica no meio letrado, nas mais reputadas instituições portuguesas dos Jesuítas, tais como o Colégio das Artes (Coimbra), a Universidade de Évora ou o Colégio de Santo Antão (Lisboa). Neste último, a Aula da Esfera tem relevância histórica, na construção do debate português, porque gesta o único núcleo de matemáticos que pode sustentar a oposição à argumentação antimatemática. A contribuição para a discussão, a nível nacional e a nível internacional, por parte dos jesuítas portugueses, é significativa. No século XVII, Portugal assume o centro da controvérsia sobre o estatuto científico da matemática. Os jesuítas concentraram a sua discussão sobre a matemática no Colégio Romano e os Conimbricenses produzem textos sobre teoria da ciência com ampla utilização em todos os colégios da Companhia, merecendo respostas impressas de circulação internacional (MOTA, 2008, p. 305-306).

2.3. CURSO DE TEOLOGIA

O Curso de Teologia constitui, para os inicianos, o mais elevado escalão da preparação alcançada nos colégios da Companhia de Jesus. Nele se estudavam Teologia Escolástica, a Sagrada Escritura, o Hebreu e a Casuística. A *Ratio Studiorum* refere os Casos de Consciência como o um gênero de assunto que cabe aos professores com alguns princípios gerais de

Moral discutirem. Nas discussões, dá-se relevância aos argumentos contra os hereges, em que cada tese deve ser defendida com dois ou três argumentos firmes, por forma a desmontar “as principais calúnias dos hereges.” (CARVALHO, 1986, p. 352-353). Por meio dos estudos de Teologia, valoriza-se o sentido crítico, apurado pela Retórica e pela Filosofia (MIRANDA, 2009, p. 27). Note-se o que se coloca na *Ratio*, no capítulo IX.1:

Uma vez que as artes liberais, tal como as ciências naturais, predispõe o intelecto para a teologia, estão ao serviço do seu perfeito conhecimento e da sua aplicação prática e contribuem por si só para esse fim, o professor de filosofia deverá tratá-las com toda a diligência, procurando em tudo sinceramente a honra e a glória de Deus, de modo a preparar os seus alunos (especialmente os Jesuítas) para a teologia e, acima de tudo, a despertar neles o desejo de conhecerem o seu Criador (CPJ, 2009, p. 132).

326

O curso completo de Teologia corresponde a quatro anos e o seu programa assenta na estrutura da *Suma Teológica*, de São Tomás de Aquino, repartida exatamente em quatro partes (na verdade, três partes, a segunda parte encontra-se dividida em duas secções). Para a Teologia Moral há um professor e um programa próprio (MIRANDA, 2009, p. 33). Qualquer que fosse o curso a seguir, o programa de estudos da *Ratio* combina os estudos das Humanidades com os estudos científicos.

2.4. O MODUS PARISIENSIS

Os Jesuítas adotam o método dos colégios parisienses, o *modus parisiensis*. Este diferencia-se por ensinar gramática sólida, graduar classes e cursos, implementar exercícios nas classes e procurar individualizar o aluno. O *modus parisiensis* surge, efetivamente, da necessidade de os colégios de Paris se articularem com as universidades a que estavam anexados, através de suas práticas e normas pedagógicas. O ensino baseia-se num programa de leituras, complementado por tarefas, das repetições às disputas (*exercitia* ou *exercitationes*), por meio das quais os estudantes mostram os seus conhecimentos e o domínio das matérias. Novamente os alunos aparecem agrupados por classes, de acordo com um plano de progressão em níveis sucessivos de complexidade, em função da idade e dos conhecimentos. Os exames determinam quem passa para os níveis seguintes (COMPÈRE, 1976, p. 24).

A experiência da primeira geração de Jesuítas se constitui nas universidades de Alcalá e Paris, bem como nas principais universidades italianas, onde alguns deles tinham estudado e até ensinado: Pádua, Bolonha, Roma. Com um leque de possibilidades à escolha, o *modus parisiensis* é um método que se apresenta como rigoroso, mostrando a importância da ordem, da rapidez na aprendizagem, do exercício e da disciplina. Dentro do carisma da Companhia e das ideias de Inácio de Loyola, estes são trunfos de grande importância. Não é apenas Loyola que

escolhe o método, mas toda uma geração de jesuítas, contemporânea ao fundador, destacando-se, conforme foi dito, Jerónimo Nadal, responsável pela aplicação do método pela Companhia de Jesus (MIR, 1968, p. 261-262).

O *modus parisiensis* é moldado pelos Jesuítas de forma a universalizar os seus métodos, refletindo-se em dois aspectos fundamentais: a atividade individual e permanente do aluno, por um lado, e uma clara distinção entre graus de ensino, graus de aprendizagem, assim como ordem das matérias, da menos complexa para a mais complexa. As matérias devem ser estudadas segundo uma determinada ordem: a Teologia e a Filosofia 327 devem ser precedidas pelos estudos das Humanidades e da Retórica, por exemplo, e dentro de cada uma destas matérias há uma certa disposição a respeitar. Um aluno menos preparado pode transitar, a meio do ano, para a classe anterior, a fim de consolidar os fundamentos daquela classe. Línguas (Latim, Grego e Hebraico), Humanidades, Retórica e Artes são conhecimentos igualmente necessários para a prossecução de quaisquer outros estudos, não se podendo frequentar o Curso de Artes sem revelar boas aptidões em Humanidades e em Retórica (SANTOS, 2015, p. 99-101).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do século XVI, os colégios funcionam como lugares de instrução capazes de moldar comportamentos. Mediante ajustes, ao longo dos tempos, tornam-se um modelo eficaz de ação educativa e, por conseguinte, transformadora da sociedade.

No caso da Companhia de Jesus, a *Ratio Studiorum* tem um papel determinante na aquisição de saberes, mas também na organização institucional, que dava os primeiros passos. De forma a incluir as terras de missão, como as Américas, a *Ratio* deixava abertura suficiente para a acomodação dos saberes aos povos nativos. A aprendizagem da língua local torna-se, por esse motivo, fundamental.

A *Ratio* prevê, ainda, os autores e as obras que devem ser estudados, na íntegra ou em partes, consoante as prescrições dos inicianos. O treino integral de todas as faculdades, intelectuais e morais, abrange o estudo dos clássicos e das humanidades, com a retórica em particular. As metodologias aplicadas nos colégios jesuítas, que circundavam as universidades europeias, deixam marcado um estilo próprio educativo, fonte de enormes controvérsias, nos séculos seguintes. De todo o modo, observe-se que a capacidade de os inicianos articularem e conjugarem diversos instrumentos de ensino é que permite a expansão de uma rede internacional de colégios, com um nível de excelência notável.

REFERÊNCIAS

ÁLVARES, Manuel. **De Institutione Grammatica Libri Tres**. Lisboa: João Barreira, 1972.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Tradução de Alexandre Correa. Revisão de Luís Alberto de Boni. 5 vols. São Paulo: Ecclesiae, 2017 [1267-1273].

ARISTÓTELES. **Poética**. Edição, tradução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017.

CASTRO, Aníbal Pinto de. **Retórica e Teorização Literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo**. 2.^a ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

CARVALHO, Mário Santiago de. Introdução Geral. In: CAMPOS, Maria da Conceição, **Comentários do colégio conimbricense da Companhia de Jesus sobre os três livros do Tratado Da Alma, de Aristóteles Estagirita**. Lisboa: edições Sílabo, 2010.

CARVALHO, Rómulo de. **História do Ensino em Portugal**: desde a fundação da Nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

CHERVEL, André, COMPÈRE, Marie-Madeleine. “As Humanidades no Ensino”. **Educação e Pesquisa**. São Paulo: Universidade de São Paulo, vol. 25, n.º 2, p. 149-170, 1999.

Código Pedagógico dos Jesuítas. **Ratio Studiorum da Companhia de Jesus**.

Introdução, versão portuguesa e notas de Margarida Miranda. Lisboa: Esfera do Caos, 2009.

COMPÈRE, Marie-Madeleine. **Du Collège au Lycée** (1500-1850). Paris: éditions Gallimard/Julliard, 1976.

EISENBERG, José. **As Missões Jesuíticas e o Pensamento Político Moderno**: encontros culturais, aventuras teóricas. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2000.

FRANCO, José Eduardo. **O Mito dos Jesuítas**: em Portugal, no Brasil e no Oriente (séculos XVI a XX). Vol. 1. Lisboa: Gradiva, 2006.

LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de Retórica Literária**. Tradução, prefácio e aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. 4.^a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1963.

LOYOLA, Inácio de. **Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares**. Trad. Joaquim Mendes Abranches. Revisão Pe. João Augusto Mac Dowell, s.j. São Paulo: edições Loyola, 2004 [1554].

MARQUES, João Francisco. “Anti-protestantismo”. In: MARUJO, António; FRANCO, José Eduardo (Org.). **Dança dos demónios**: intolerância em Portugal. Lisboa: Círculo de Leitores, 2009, p. 191-242.

MIRANDA, Margarida. “*Ratio Studiorum*: uma nova hierarquia de saberes”. In: **Código Pedagógico dos Jesuítas. *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus**. Introdução, versão

portuguesa e notas de Margarida Miranda. Lisboa: Esfera do Caos, 2009, p. 17-37.

MIRANDA, Margarida. Quando os jesuítas eram mestres da palavra. A Retórica segundo a *Ratio Studiorvm*. **Humanitas**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, vol. LXV (65), p. 187-203, 2013.

Monumenta Brasiliae. Serafim Leite (Org.). Roma: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1956.

Monumenta Paedagogica Societatis Iesu. Ladislau Lukács, s.j. (Org.) Vols. I-VII. Roma: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1965. Vol. I (1538-1553); vol. II (1553-1558); vol. III (1558-1563); vol. IV (1563-1568).

MOTA, Bernardo Machado. **O Estatuto da Matemática em Portugal nos séculos XVI e XVII**. Tese de doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Departamento de Estudos Clássicos, 2008.

MOURÃO, José Augusto. Gramatização e Missão. In: PINTO, Paulo Mendes; TEIXEIRA, Alfredo (dir.). **Revista Lusófona de Ciências das Religiões**: Vieira e a possibilidade de um Novo Mundo. Missionaçãõ no Império Colonial Português. Lisboa: edições Universitárias Lusófonas, n.º 13/14, 2008.

PETITAT, André. **Produção da Escola/Produção da Sociedade**: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no Ocidente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

RAMOS DO Ó, Jorge. **O Governo de Si Mesmo**: modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal (último quartel do século XIX – meados do século XX). Lisboa: EDUCA, 2003.

RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus na Assistência a Portugal**. 8 vols. Porto: Apostolado da Imprensa, 1931-1950.

SANTOS, Fernanda. **O Colégio da Bahia**: uma (quase) universidade na América Portuguesa (1556-1763). Lisboa: Theya editores, 2015.

Recebido em: 27/07/2019.

Aprovado em: 01/10/2019.

Publicado em: 31/01/2020.

NOTAS

ⁱ Professora Adjunta no Colegiado de Letras na Universidade Federal do Amapá-Campus Santana. Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLET) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Doutora em História, na área de concentração de História Cultural, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Letras (PPGL), pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestra em Literaturas dos Povos Africanos de Língua Oficial Portuguesa pela Universidade Nova de Lisboa (2006). Graduada em Letras-Português, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2001).

ⁱⁱ Designação abreviada do Regulamento intitulado *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Jesu*. Ratio significa método, plano, maneira, disposição, sistema, regra, ordem, razão, doutrina, teoria e institutio se traduz como disposição, método, doutrina, organização, sistema, princípio, escola. O título indica que se trata da disposição e métodos de estudos da Companhia, mas mais do que isso da expressão de uma doutrina perfilhada pela Ordem.

ⁱⁱⁱ Data de 1562 o compêndio do jesuíta Cipriano Soares, *De Arte Rhetorica libri tres ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano praecipue deprompti ab eodem Auctore recogniti, et multis in locis locupleati*, que viria a ter extraordinária difusão na Europa, no Brasil e no Oriente, com cerca de cem edições (CASTRO, 2008, p. 36). Ao tratado de Cipriano Soares junta-se, a partir de 1576, a *Rhetorica Ecclesiastica*, do dominicano frei Luís de Granada.